

SAÚDE MENTAL E PANDEMIA DA COVID-19: A PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Mental health and covid-19 pandemic: the perspective of adolescents students of a public school

Salud mental y pandemia de covid-19: la perspectiva de adolescentes estudiantes de una escuela pública

Maria Angelica Mangino Cardoso

<https://orcid.org/0009-0003-7626-2373>

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos. SP. Brasil

Caroline Pilar Silva de Carvalho

<https://orcid.org/0009-0004-8977-9870>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos. SP. Brasil

Maria Fernanda Barboza Cid

<https://orcid.org/0000-0002-0199-0670>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional; Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, São Carlos. SP. Brasil

Resumo: Introdução: Segundo estudos, os índices de problemas de saúde mental na população adolescente vêm crescendo substancialmente ao longo dos anos, aumentando no contexto da pandemia da Covid-19. No entanto, frequentemente, a produção de conhecimento no campo da Saúde Mental enfatiza a identificação de sintomas e diagnósticos psiquiátricos, desconsiderando a interação entre fatores sociais, culturais e contextuais da vivência e subjetividade dos adolescentes. **Objetivos:** Identificar, na perspectiva das adolescentes participantes, o que favoreceu e o que prejudicou a sua saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19. **Métodos:** Participaram dez adolescentes, nove do gênero feminino e um do gênero masculino, estudantes de uma escola pública estadual, em território de vulnerabilidade social de um município do interior do estado de São Paulo. A produção dos dados ocorreu em cinco encontros presenciais na escola. Utilizou-se estratégias de sensibilização e comunicação, com atividades verbais e não verbais. **Resultados:** Para as participantes, a saúde mental está relacionada a "sentir-se bem" consigo mesmas e diversas esferas da vida. Nessa direção, realizar atividades significativas prazerosas favoreceu a saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19. Como impactos negativos nesse contexto, apontaram: prejuízos na socialização e realização de atividades significativas, no desempenho escolar e relação com a escola, preocupações consigo mesmas, com pessoas próximas e conflitos familiares. **Conclusão:** Observou-se a percepção de adolescentes sobre a saúde mental no contexto estudado, dialogando com a literatura sobre saúde mental e atenção psicossocial de crianças e adolescentes e demonstrando potencialidades na produção de conhecimento com adolescentes sobre suas próprias realidades.

Palavras-chave: Adolescência. Saúde Mental. Pandemia Covid-19. Terapia Ocupacional.

Abstract: Introduction: According to studies, the rates of mental health problems in the adolescent population grows substantially over the years, increasing in the context of the Covid-19 pandemic. However, knowledge production in the field of Mental Health often emphasizes the identification of symptoms and psychiatric diagnoses, disregarding the interaction between social, cultural and contextual factors of adolescents' experience and subjectivity. **Objectives:** Identify, from the perspective of the participants, what favored and what harmed their mental health in the context of the Covid-19 pandemic. **Methods:** The participants were ten adolescents, nine female and one male, students from a state public school, in a territory of social vulnerability in a city in the state of São Paulo. Data production occurred in five meetings at school. Different strategies of communication and awareness were used, with verbal and non-verbal activities. **Results:** For the participants, mental health is related to "feeling good" about themselves and various spheres of life. In this direction, performing meaningful pleasurable activities favored mental health in the context of the COVID-19 pandemic, and as negative impacts of the pandemic to mental health: losses in socialization and carrying out significant activities, school performance and relationship with school, concerns about themselves, close people and family conflicts. **Conclusion:** From the data found, we observed the perception of adolescents about their own mental health in the context dialogue with the literature on mental health and psychosocial care of children and adolescents and demonstrating potential in the production of knowledge with adolescents about their own realities.

Keywords: Adolescence. Mental Health. COVID-19 Pandemic. Occupational Therapy.

Resumen: Introducción: Según estudios, los índices de problemas de salud mental en la población adolescente crecieron en los últimos años, aumentando en el contexto de la pandemia de Covid-19. Muchas veces, la producción de conocimiento en Salud Mental enfatiza la identificación de síntomas y diagnósticos psiquiátricos, ignorando la interacción entre factores sociales, culturales y contextuales de la vivencia y subjetividad de los adolescentes. **Objetivos:** Identificar, desde la perspectiva de las participantes adolescentes, lo que favoreció y dañó su salud mental en el contexto de la pandemia de Covid-19. **Métodos:** Participaron diez adolescentes, nueve del género femenino y uno del género masculino, estudiantes de una escuela pública en territorio de vulnerabilidad social de un municipio del interior del estado de São Paulo. La producción de los datos ocurrió en cinco encuentros en la escuela, con estrategias de sensibilización y comunicación verbales y no verbales. **Resultados:** Para las participantes, la salud mental está relacionada con "sentirse bien" consigo mismas y diversas esferas de la vida. Realizar actividades significativas favoreció la salud mental en el contexto de la pandemia de COVID-19 y como impactos negativos: perjuicios en la socialización y realización de actividades significativas, en el desempeño escolar y relación con la escuela, preocupaciones consigo mismas, personas cercanas y conflictos familiares. **Conclusión:** Fue posible observar la percepción de adolescentes acerca de la propia salud mental en el contexto estudiado, dialogando con estudios sobre salud mental y atención psicossocial de niños y adolescentes, demostrando potencialidades para producir conocimiento con adolescentes sobre sus propias realidades.

Palabras-clave: Adolescencia. Salud Mental. Pandemia de Covid-19. Terapia Ocupacional.

Como citar:

Cardoso, M. A. M.; Carvalho, C. P. S.; Cid, M. F. B.; (2024). Saúde mental e pandemia da covid-19: a perspectiva de adolescentes estudantes de uma escola pública. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 10.47222/2526-3544.rbto58357.

Introdução

Existem variações sobre o período da vida que se considera como adolescência. A Organização Mundial da Saúde (OMS) pontua a faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade, período subdividido em fase inicial (10 aos 14 anos) e fase final (15 aos 19 anos). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente, indivíduo com idade entre 12 e 18 anos e, para casos expressos em lei, o ECA também se aplica a jovens pertencentes à faixa etária dos 18 a 21 anos (Brasil, 1990; OMS, 2023).

Para além de critérios etários, que viabilizam, dentre outras coisas, o planejamento e implementação de políticas públicas, alguns autores consideram a adolescência como um período da vida do indivíduo com experiência corporal, subjetiva e de mudanças, dentre elas, as transformações biológicas ocorridas na puberdade, que colocam ao sujeito uma nova imagem corporal, aspectos da sexualidade, questionamentos sobre sua identidade e formação de personalidade. Isso somado ao contexto sociocultural e histórico no qual o sujeito está inserido, configurando uma multiplicidade nas formas de adolecer (Fonseca et al., 2013; Gasparini, 2022; Rossi et al., 2019).

Assim, ao focalizar as adolescências no Brasil, objetivando, mais do que analisá-las, compreendê-las, é necessário considerar a realidade de um país "de dimensões continentais e de formação histórica e social multicultural" (Brasil, 2010, p. 46).

O contexto nacional vivencia uma realidade socioeconômica marcada por expressiva desigualdade social, o que determina diferentes expectativas e possibilidades de vivência de qualquer período da vida, incluindo a adolescência. As principais vulnerabilidades que atingem a população infantojuvenil no contexto brasileiro são a vivência de diversos tipos de violência (familiar, institucional, urbana), as precárias condições de moradia e dificuldade no acesso aos direitos à saúde, educação, assistência social, cultura, esporte e lazer (Fonseca et al., 2013).

Estes mesmos fatores apontados acima são reconhecidos pela literatura como possíveis produtores de sofrimento psíquico em adolescentes, os quais podem se traduzir por meio da identificação de transtornos mentais tais como depressão, transtornos de ansiedade, transtornos alimentares e uso prejudicial de drogas, evidenciando a necessidade do planejamento e do desenvolvimento de ações desde a promoção até o cuidado estratégico voltados à saúde mental dessa população, de forma ampliada e intersetorial (Fonseca, 2013; Gasparini, 2022; Taño et al. 2021).

No Brasil, ações de cuidado em saúde mental voltadas a crianças e, especialmente adolescentes, foram marcadas pelo esquecimento ao longo da história, o que explica a incipiência de estudos que focalizam tal população, os quais passaram a ganhar força apenas há poucas décadas a partir de marcos importantes, como a promulgação da Lei 8.069 - ECA, de 1990, e a criação dos Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenis (CAPS-IJ), no âmbito do Movimento de Reforma Psiquiátrica brasileira (Brasil, 2010, 2014; Rossi et al., 2019).

A elaboração e implementação da atenção psicossocial para crianças e adolescentes no Brasil partem do pressuposto de que, primeiramente, tanto a criança quanto o adolescente são sujeitos de direitos, com lugar autêntico de fala e responsáveis por suas demandas e sofrimentos. Portanto, possuem o direito de terem suas particularidades consideradas nos processos de cuidado, e que estes ocorram de forma

contextualizada e territorial, tendo a intersectorialidade como diretriz fundamental para sua implementação (Brasil, 2005, 2014).

Muitos são os desafios para a implementação do cuidado psicossocial de crianças e adolescentes no Brasil, com destaque para os adolescentes, na medida em que esta união nas proposições “infanto” e “juvenil” fomentaram a invisibilidade das demandas e particularidades de adolescentes, o que implica em dificuldades no planejamento das ações à saúde mental e nos estudos, já que tais fases do desenvolvimento humano apresentam suas diferenças e singularidades (Fernandes *et al.*, 2021; Gasparini, 2022; Rossi *et al.*, 2019).

Alguns estudos atuais apontam para a invisibilidade das demandas da população adolescente nos serviços da Atenção Básica em Saúde, a escassez ou até mesmo inexistência de estratégias de cuidado em saúde e em saúde mental direcionadas especificamente para a população adolescente. Também evidenciam dificuldade de adesão e permanência dos adolescentes nos serviços estratégicos de saúde mental e poucos relatos de promoção à saúde mental de adolescentes (Fernandes *et al.*, 2021; Rossi *et al.*, 2019; Souza, 2022). Tais estudos reforçam a demanda de mais investigações que se disponibilizem a ouvir os próprios adolescentes sobre suas próprias experiências e necessidades.

Atualmente os desafios foram intensificados com os retrocessos fomentados pelas políticas de desinvestimento e sucateamento da Atenção Psicossocial brasileira ocorrida pós golpe de 2016, seguida da gestão Bolsonaro (Souza, 2022), e pela realidade sanitária sem precedentes que assolou não só o Brasil, mas todo o mundo, impetrada pela pandemia da Covid-19.

A Covid-19 é a doença causada pelo novo coronavírus, identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, na China, no final do ano de 2019, e, devido à sua alta transmissibilidade, em março de 2020, a OMS anunciou o estado de pandemia. Considerando que o número de infectados aumentou em todo o mundo em curto período, de forma que uma das estratégias adotadas pela OMS para diminuir o seu contágio foi o distanciamento e isolamento social (Ornell *et al.*, 2020; Pan *et al.*, 2022).

Diversos são os desafios e impactos decorrentes de tal pandemia. Muitas pessoas lidaram com o medo de uma morte possivelmente mais iminente, emergiram profundas transformações e a necessidade de novas organizações no cotidiano dos indivíduos e de suas famílias em contextos vulneráveis. Ocorreram implicações em diversas esferas, como o fechamento das escolas, serviços básicos de proteção de direitos, necessidades básicas, suporte social, alterações das rotinas de trabalho, cortes ou diminuição de renda e mudanças na organização e dinâmica familiar, levando a sentimentos como o abandono e desamparo (Cid *et al.*, 2020; Ornell *et al.*, 2020).

Vale apontar que, no momento da escrita deste artigo, a pandemia encontra-se em fase mais amena, com a maioria da população brasileira vacinada e com o retorno presencial de quase todas as atividades (São Paulo, 2023). No entanto, alguns estudos já têm sinalizado para o impacto da pandemia na saúde mental de adolescentes.

Racine *et al.* (2021) quantificaram, em estudo meta-analítico, a prevalência global de sintomas depressivos e ansiosos em crianças e adolescentes durante a pandemia da Covid-19, assim como os impactos em relação à presença de tais sintomas nessa população. Em 29 amostras e 80.879 jovens, encontrou-se uma prevalência elevada de sintomas depressivos (25,2%) e ansiosos (20,5%), comparado

aos valores estimados de estudos anteriores à pandemia, de 12,9% para depressão e 11,6% para ansiedade.

O estudo de Binotto, Goulart e Pureza (2021) investigou indicadores do impacto da pandemia da Covid-19 na saúde mental de adolescentes em pesquisa online, com 77 participantes com idades entre 12 e 18 anos. A partir da análise dos dados, identificaram níveis considerados muito graves e graves de ansiedade em 33,8% dos adolescentes participantes, níveis de depressão em 36,4% e de estresse em 36,1% dos adolescentes. Os resultados sugerem que o período da epidemia mundial pode ser gerador de sofrimentos aos adolescentes, no qual suas vulnerabilidades são intensificadas, e o acesso a mecanismos de cuidado, restrito.

Gasparini (2022) identificou em sua pesquisa qualitativa e exploratória que, na perspectiva dos participantes, além de não estarem com boa saúde mental, utilizam as redes sociais como instrumento para se expressarem sobre isso. O contexto da pandemia impactou de forma negativa sua saúde mental, considerando: mudanças bruscas na rotina; medo da contaminação e perda de entes queridos; incertezas sobre a situação; interrupção de planos; distanciamento dos amigos; aulas virtuais sem o apoio da escola; e o aumento de conflitos familiares.

A partir desses estudos, observa-se que diversos são os impactos da pandemia da Covid-19 na população adolescente e, conforme Gasparini (2022) sinaliza em seu estudo, existe a necessidade do desenvolvimento de novos que possibilitem a escuta de adolescentes advindos de diferentes contextos e realidades.

O presente artigo busca contribuir nessa direção, considerando: 1. a incipiência de estudos que se debruçam sobre as perspectivas de adolescentes sobre sua própria realidade e saúde mental; 2. os princípios da Atenção Psicossocial, especialmente tratando do reconhecimento das pessoas adolescentes como sujeitos de direito, que devem ter preservados seus lugares autênticos de fala no processo de cuidado e, aqui, ampliando para o processo de produção de conhecimento sobre si e 3. que conhecer e discutir sobre as compreensões, os possíveis danos e formas de cuidados em saúde mental utilizadas pelos adolescentes no contexto de pandemia da Covid-19 tem o potencial de fazer emergir elementos que podem ser considerados no planejamento e na elaboração de ações de promoção e cuidado estratégico mais efetivos e condizentes com as singularidades dessa população.

Este estudo busca identificar, na perspectiva das adolescentes participantes, o que favoreceu e o que prejudicou a sua saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19.

Métodos

Realizou-se uma pesquisa qualitativa, método que busca conhecer e analisar os processos vividos pelos sujeitos, individualmente e como parte de um todo, de forma atenta às singularidades (Martins, 2004). Esta pesquisa também buscou viabilizar a produção de conhecimento de forma mais democrática, a partir de estratégias criativas¹ que ampliam a escuta da população-alvo, visando maior aproximação e

¹ Os métodos criativos para produção de dados em pesquisa, dizem respeito ao uso de diferentes estratégias que favoreçam narrativas para além da comunicação verbal, levando em conta a faixa etária e o contexto das participantes (Cortés, 2017). Neste estudo, assim como em outros da área que se propuseram a utilizar esse tipo de método, diversas são as possibilidades, considerando o aspecto da criatividade. Alguns exemplos são atividades artísticas, de escrita, recorte e colagens, elucidação gráfica de desenhos, rodas de conversa, uso de fotografias (Fukuda, 2012; Gasparini, 2022; Pereira, 2016).

veracidade sobre as reais opiniões, vivências e demandas da população com a qual se produz o conhecimento. Utilizando atividades verbais e não verbais, buscando favorecer processos de reflexão e expressividade, interação, vinculação, além disso, estimular o protagonismo das participantes durante o processo (Gasparini, 2022; Pereira *et al.*, 2016; Rossi *et al.*, 2019).

As participantes do presente estudo foram 10 adolescentes estudantes de uma escola pública Estadual localizada em um bairro periférico, sob um contexto de vulnerabilidade social e baixo poder socioeconômico em um município do interior do estado de São Paulo. Os critérios de inclusão à participação foram:

Possuir interesse em participar do processo de pesquisa; estar matriculado/a na escola pública de ensino fundamental e/ou médio foco do estudo; o/a adolescente e o responsável terem assinado os Termos de Assentimento e de Consentimento Livre e Esclarecido; ter idade entre 10 e 19 anos (considerando o que é estabelecido pela OMS e ECA como adolescente).

Critérios de exclusão: A não disponibilidade do/da participante nos horários propostos pela escola e equipe de pesquisa para realização das atividades em grupos.

Destaca-se que, das 10 participantes², um se autodeclara como sendo do gênero masculino, as demais se autodeclararam do gênero feminino; possuem idades entre 11 e 16 anos³ e cursam entre o 6º ano e o 9º ano do Ensino Fundamental, e uma participante da 2ª série do Ensino Médio.

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio de um município de cerca de 250 mil habitantes do interior do estado de São Paulo. A produção dos dados ocorreu de forma presencial no espaço escolar, nos meses de maio e junho de 2022, período que ainda exigia procedimentos que foram adotados, em relação às medidas de prevenção sanitária contra a Covid-19, tais como uso de máscaras de proteção e álcool em gel. O estudo foi realizado em três fases, nomeadas como fase preliminar, fase 1 e fase 2.

O Diário de Campo foi uma estratégia utilizada pelas pesquisadoras, para registro e percepções dos encontros, atividades, bem como para registrar falas das participantes, com áudio gravado em alguns encontros para favorecer a transcrição. Posteriormente essas anotações foram utilizadas para a Análise de dados das pesquisadoras.

Na fase preliminar, o projeto foi apresentado à Secretaria Estadual de Ensino localizada no município em questão e à escola que seria o local do estudo, para o convite à participação e solicitar a autorização para sua realização e submetido à aprovação no Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CAAE: 52091421.6.0000.5504).

Na fase 1 realizou-se, a partir de contato com a equipe gestora da escola, identificação de potenciais participantes e convite à participação, além do planejamento das atividades de acordo com os critérios de inclusão e exclusão da pesquisa e possibilidades da escola, respeitando suas dinâmicas de funcionamento. A equipe, frente às demandas relacionadas à saúde mental de adolescentes sugeriu,

² Devido ao fato de a maioria das participantes da pesquisa se autodeclararem do gênero feminino, será utilizado o feminino ao se referir a elas, quando no plural, conforme defendido também por outras autoras (Diniz, 2013; Moreira *et al.*; 2022).

³ Observa-se que, embora todas as participantes sejam adolescentes de acordo com os critérios estabelecidos neste estudo, existe uma heterogeneidade referente às idades das participantes.

para participação, estudantes que estivessem apresentando algum problema relacionado à saúde mental, na perspectiva da gestão da escola, tais como: crises de ansiedade, autolesão, baixa autoestima, luto e rupturas de relações familiares.

Foi reforçado, junto à equipe da escola, que o estudo não foi pensado para ser desenvolvido com tal especificidade, porém, a gestão indicou que a participação no estudo poderia, também, ser uma forma de apoio aos participantes, e, considerando que esta pesquisa tinha o propósito de considerar as singularidades e do contexto no qual os sujeitos estão inseridos, a sugestão da equipe escolar foi acatada.

Catorze estudantes foram convidados/as para participar do estudo, dentre os quais 10 alinharam-se aos critérios de inclusão e aceitaram participar. Ressalta-se que todas assinaram o Termo de Assentimento e seus responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Na fase 2, etapa de produção dos dados com as adolescentes, ocorreram cinco encontros com as adolescentes participantes, conduzidos pela pesquisadora responsável e por uma estudante de graduação em Terapia Ocupacional que atuou como auxiliar de pesquisa durante todo o processo. Os cinco encontros aconteceram presencialmente, em espaço cedido pela escola, nos meses de maio e junho de 2022, com a duração aproximada de uma hora cada, em horário estipulado de acordo com as possibilidades da pesquisadora e da escola, definido com a gestão escolar, participantes e seus responsáveis.

Nos encontros, pretendeu-se explorar a temática do estudo por meio de estratégias de comunicação verbais e não verbais, com atividades presentes no cotidiano das participantes e da escola, tais como: atividades artísticas, escrita, recorte e colagens, desenhos e rodas de conversa. Utilizou-se como materiais cartolinas, papel sulfite, lápis grafite e coloridos, canetas hidrográficas, tesouras, colas, papel Craft, revistas, tinta e pincéis. As atividades desenvolvidas podiam ser propostas pelas próprias participantes, que fizeram sugestões referentes às etapas, onde colocar os materiais e quais utilizar.

As atividades realizadas e objetivos dos encontros apresentam-se no quadro abaixo:

Tabela 1– Encontros, atividades e objetivos da Fase 2 – Produzindo conceitos e estratégias de ações de promoção à saúde mental

ENCONTROS	ATIVIDADE REALIZADA	OBJETIVOS
1º encontro	Apresentação inicial e combinados em relação ao trabalho e encontros	Participantes e pesquisadoras se conhecerem
	Atividade disparadora de escrita em cartolinas sobre os temas "Saúde Mental" e "Pandemia"	Introduzir reflexões sobre o tema do estudo

ENCONTROS	ATIVIDADE REALIZADA	OBJETIVOS
2º encontro	Elaboração de desenhos e/ou escrita para representação de "Saúde Mental"	Participantes representarem com desenhos e/ou escritas suas noções e impressões sobre "Saúde Mental"
	Diálogo sobre desenhos e/ou escritas realizados	Identificar as representações de "Saúde Mental" de cada participante, possibilitar trocas e reflexões entre o grupo sobre o tema
3º encontro	Início da construção de Linha do Tempo referente à pandemia	Disparar a identificação e organização das ideias das participantes ao caracterizar a contextualização temporal referente ao contexto de pandemia e períodos pré e pós (conforme nomeado por elas, "pós" referente ao momento mais atual)
4º encontro	Continuação e finalização da Linha do Tempo	Possibilitar a identificação e organização das ideias das participantes ao caracterizar a contextualização temporal referente à pandemia e períodos pré e pós
	Diálogo sobre a Linha do Tempo construída	Refletir sobre os processos individuais e impactos da pandemia de forma contextualizada temporalmente
5º encontro	Leitura de síntese dos encontros e atividades, elaborada pelas pesquisadoras	Retomar o processo realizado durante os encontros, validar os dados identificados e acrescentar novos, se

ENCONTROS	ATIVIDADE REALIZADA	OBJETIVOS
		necessário
	Identificação de propostas de intervenção relacionada à saúde mental no contexto escolar	Identificar propostas de ações para promoção à saúde mental pelas participantes

Fonte: Elaborado pela autora.

Resultados

Serão apresentados os resultados concernentes ao que foi elaborado e produzido com as adolescentes. Em relação à primeira atividade realizada pelas participantes, no cartaz referente a "SAÚDE MENTAL", foram escritas as seguintes palavras: psicológico, problemas, sentimentos, titesa (tristeza), disanimo (desânimo), família, coração, autoestima, preocupação. No referente a "PANDEMIA", as participantes escreveram: isolamento, saúde, vírus, perdas familiares, vasina (vacina), mascarará (máscara), mortes, solidão, distanciamento, depressão (depressão). Em suas falas, também foram discutidos aspectos como o retorno à escola.

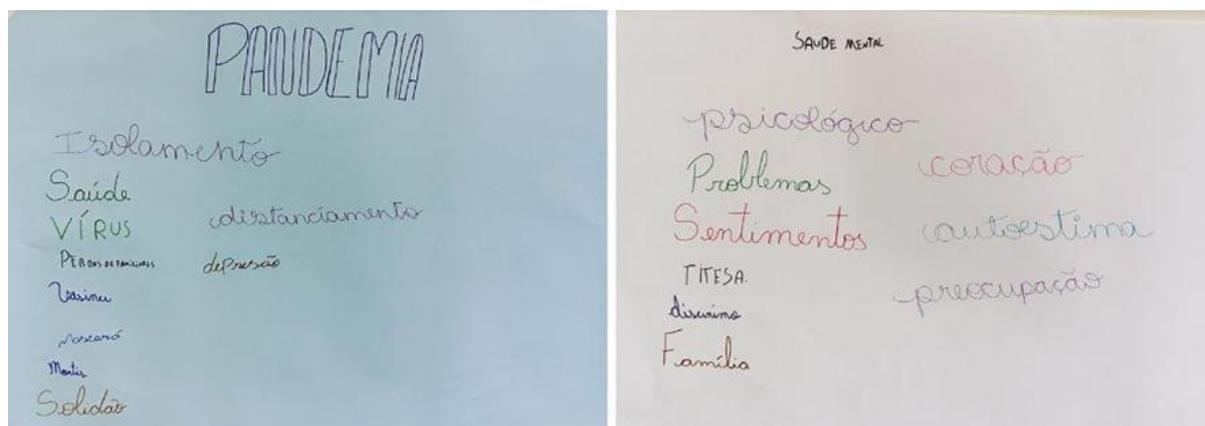


Figura 1: Cartazes produzidos pelas participantes – Pandemia e Saúde Mental

Fonte: Arquivo da pesquisa (2022)

No encontro seguinte fizeram representações, com desenhos e escritos, de suas compreensões sobre Saúde Mental. Foram representados: instrumento musical; livros; músicas; banda favorita; matéria que gosta na escola (geografia - mapa); família; animes; comidas. Ou seja, atividades ou objetos que elas gostam ou que lhes dão prazer.

No terceiro dia, iniciou-se a construção da linha do tempo. Logo no início desse encontro, foi possível perceber o processo de vinculação com a pesquisadora e engajamento na pesquisa.

Retomamos com as participantes a proposta que tinha sido pincelada no último encontro, sobre a construção da linha do tempo, elas preferiram realizar sentadas na mesa, de forma que juntamos duas mesas e colocamos o papel no centro.

No início, apresentaram posturas introspectivas, alguns folheando as revistas, então foi necessário retomar um pouco a proposta e que as possibilidades eram múltiplas. Elas optaram por iniciar a linha do tempo em "Pré pandemia", com "Pandemia" no centro e "Pós Pandemia" após. Aos poucos foram participando, iniciando com escrita de palavras, e depois alguns recortes das revistas. Apresentaram mais interação com o trecho "Pandemia" e "Pós pandemia", e conforme iam colocando alguma palavra ou figura nova explicavam brevemente, como "essa bola de vôlei é porque eu joguei bastante na pandemia", ou também como "rever amigos" no pós pandemia e retorno à escola. (Diário de campo, 2022).

Para a elaboração da linha do tempo, utilizaram recortes de revistas, escrita de palavras, desenho e colagem de adereços (máscaras). Foram colocados diversos aspectos pelas participantes, como sentimentos, vivências, atividades, músicas, instrumentos, relações, animais de estimação e comidas. A seguir apresenta-se uma foto desse processo.



Figura 2: Confecção da linha do tempo.

Fonte: Arquivo da pesquisa (2022)

Em relação à composição da linha elaborada pelas participantes entre os períodos definidos, no "pré-pandemia" foram colocadas menos palavras. Em contrapartida, em "pandemia" e "pós-pandemia", apresentaram mais componentes. A seguir, apresenta-se a descrição dos termos incluídos:

a) Pré-pandemia: Ciclo social, esportes, celular, descobertas, tv, futebol;

b) Pandemia: gatos, "cry baby", fobias, "black out days", sentimento, "riptide", amadurecimento, dúvidas, tristeza, músicas, angústia, redes sociais, olimpíadas;

c) Pós-pandemia: Homem-aranha, rever amigos, "eu amo o mundo" (recorte de revista), música, série, sobrinhos-escola, escola, dente, tv, "quando ela ouve música se mexe muito. Ela adora" (recorte de revista), 4 máscaras de proteção coladas, desenho de ukulele e pizza.

Nos encontros e trocas com e entre as participantes, diversas foram as suas reflexões, relatos e compartilhamento sobre suas perspectivas. Sobre o que pensam a respeito da Saúde Mental, algumas das participantes referiram possuir diagnósticos ou se identificaram com algum transtorno. Ao contarem sobre seus acompanhamentos terapêuticos, relacionaram com aspectos de suas vivências e sentimentos:

Não, eu não gosto de psiquiatra [...] [Faço acompanhamento psiquiátrico] há um ano, mas não é legal, não [...]até agora não fez nenhum efeito o que ela [psiquiatra] tá fazendo não, não vi nada de melhora até agora...(Participante 7)

Gosto [de fazer terapia] porque a gente fala as coisas (Participante 5).

As participantes compartilharam suas experiências com o distanciamento social ocorrido no período mais crítico da pandemia. Foi possível evidenciar que essa experiência foi vivida de maneiras diferentes por cada uma. Enquanto para algumas ficar em casa sem sair, foi algo positivo, em que se sentiram “livres” e sem a imposição de muitos limites e regras, outras vivenciaram de forma negativa, inclusive pelo aumento dos conflitos no contexto familiar. Além disso, a própria vivência do que foi o isolamento diferiu, de forma que para algumas foi total, outras, parcial.

Fizeram referência a problemas de saúde mental e física e a questões presentes previamente à pandemia que se intensificaram. A seguir, apresentam-se falas das participantes:

Eu acho difícil alguém ter conseguido melhorar na pandemia, principalmente adolescente ter conseguido, ninguém conseguiu. Mas se você conseguiu, você está de parabéns! Porque foi difícil, eu surtei. (Participante 7)

Minha vida ficou melhor depois da pandemia, de amizade mesmo, mas minha saúde acho que não melhorou, porque eu quebrei dente, tô ficando viciado em coisas que eu não gostaria de ficar viciado. Tô preferindo mais ver [referindo-se aos animes] do que falar com a minha família (Participante 2).

Compartilharam também sobre a escola, que, para algumas, é percebida de forma positiva em seu cotidiano e para outras, como disparadora de problemas de saúde mental. Entende-se também, a partir de relatos das participantes, que ir para a escola traz possibilidades positivas, como socializar e fazer atividades de que gostam, ou até mesmo “se ocupar”, mas também negativas, como prejudicar a autoestima, impor limites institucionais e regras.

As adolescentes compartilharam, também, como a experiência da pandemia afetou sua socialização. Para algumas ocorreu melhora nas amizades em comparação ao momento anterior à pandemia, porém menor interação com os familiares. Outras referiram diminuição dos círculos sociais e interações com os pares.

No encontro final da fase 2, foi realizada leitura de síntese elaborada em forma de texto pelas pesquisadoras, a fim de validar, com as participantes, o que foi produzido de forma conjunta ao longo dos encontros. A síntese foi autorizada por consenso e todas concordaram que ela representava o que haviam produzido a partir dos encontros. Segue o texto na íntegra:

Durante os nossos encontros, pudemos perceber que a pandemia não foi algo fácil para nenhuma de nós, e que trouxe várias questões relacionadas à saúde mental, identificadas e compartilhadas por vocês nas atividades e conversas, as quais tentaremos resumir para você aqui.

Pudemos identificar que foram vivenciados sentimentos como a tristeza, desânimo, preocupação, solidão, depressão, angústia, fobias, amadurecimento, dúvidas, impactos na autoestima durante

a pandemia. Além de vivenciar, juntamente a isso, a existência do coronavírus, a pandemia, as perdas familiares e mortes, o isolamento e distanciamento, o uso de máscara. Para algumas, foi necessário também um acompanhamento terapêutico e psiquiátrico devido a diversos sentimentos e sofrimentos.

E frente a tudo isso, foram utilizadas algumas estratégias por vocês, como os animes, séries, músicas, videogame, instrumentos, redes-sociais, o desenho, esporte, livros e ficar com os animais de estimação. Numa intenção de sentir-se melhor e ocupar-se.

Com a construção da Linha do Tempo, que foi dividida por vocês em "Pré-pandemia", "Pandemia" e "Pós-Pandemia", apareceu que rupturas na rotina também foram vivenciadas, como o isolamento social, de forma que não foi mais possível realizar tudo como se fazia antes da pandemia, de não manter o vínculo cotidiano com os amigos, de não frequentar mais a escola, porém que, como relatado, para muitas de vocês, isso foi vivenciado de forma positiva, sentindo-se mais livres. Entretanto, houve relatos de dificuldades na convivência com a família neste período, além da necessidade de cuidar de familiares. E, novamente, das atividades e estratégias utilizadas por vocês neste período pandêmico.

No momento da pandemia em que puderam retornar a algumas de suas atividades, existiram dificuldades e preocupações, como neste retorno à escola, na socialização, em envolver-se mais com os amigos e familiares e expandir o círculo social. Porém também existiram partes positivas, como poder comer comidas gostosas, como pizza com as famílias, rever amigos e familiares, frequentar locais diferentes, assistir filmes e continuar utilizando e realizando as atividades que são prazerosas para vocês.

Foi possível identificar, com os resultados apontados, a diversidade de fatores percebidos pelas participantes como favorecedores e prejudiciais à saúde mental no contexto estudado, os quais serão explorados na próxima sessão.

Discussão

Referente ao que foi produzido com as adolescentes e apresentado nos resultados, os encontros e atividades realizados presencialmente possibilitaram a emergência de diversos assuntos, reflexões e trocas relacionadas à saúde mental de adolescentes na pandemia da Covid-19.

Quanto à saúde mental, esta parece ser vivenciada e percebida de maneira singular em cada uma, visto que, apesar de pertencerem à mesma faixa etária, cada adolescente apresentou experiências e realidades diferentes, abordando assuntos relacionados aos múltiplos contextos que permeiam suas vidas, como suas rotinas, famílias, círculo social, escola, de forma que não foram elaborando conceitos propriamente ditos, mas adotando palavras, situações e sentimentos que, para elas, relacionam-se com a temática.

Tal resultado se assemelha ao encontrado por Fukuda, Garcia e Amparo (2012), que identificaram, em seu estudo com adolescentes, que eles baseiam suas elaborações sobre saúde mental para além do que se considera um estado de bem-estar no âmbito das relações sociais, identificando também aspectos e características de seus ambientes ao tratarem do tema. De acordo com os autores, isso vai ao encontro

do processo evolutivo relacionado ao próprio conceito de saúde, que ultrapassa o indivíduo apenas em seu âmbito físico e biológico, abrangendo suas interações com o ambiente, fatores psicológicos e sociais.

No âmbito do sofrimento psíquico, as adolescentes do presente estudo compartilharam suas experiências em relação à terapia com psicólogos e acompanhamento psiquiátrico, os quais são percebidos tanto de forma positiva, por colaborarem com sua saúde mental, como negativa, dizendo, por exemplo, que os medicamentos não ajudam. Vale apontar que, entre as 10 participantes, apenas 2 referiram realizar ou já ter realizado tal acompanhamento.

Sobre a expressão da própria saúde mental (ou ausência dela), compartilharam aspectos comportamentais, como trancar-se no quarto para escutar músicas tristes e estar menos sociável.

Tais resultados corroboram com o que Gasparini (2022) verificou em seu estudo com adolescentes, no qual, na compreensão dos participantes, a saúde mental relaciona-se ao bem-estar, à satisfação com a própria vida, além da maneira de sentir emoção frente aos eventos do cotidiano, e, quando existe um prejuízo na saúde mental, este acarreta impactos nos comportamentos, cotidiano e relações pessoais, gerando consequências negativas à pessoa.

Observa-se que, embora estudos com adolescentes sobre saúde mental e sofrimento psíquico ainda sejam incipientes, os que existem (incluindo o presente) parecem revelar que essa população reconhece a complexidade na produção de saúde mental e sofrimento, que envolve várias dimensões da vida, muitas vezes determinando os modos como eles e elas se colocam no cotidiano de atividades e relações.

Ainda outro fator que, na percepção das participantes, interfere na saúde mental, ora prejudicando, ora a beneficiando, é a relação com a família. De acordo com os resultados produzidos, a existência de conflitos nas relações familiares é potencial disparador ou agravador de situações de sofrimento, ocasionando o desejo de isolar-se. Ao mesmo tempo, essas mesmas relações podem atuar como promotoras da saúde mental, sendo fontes de suporte emocional, o que dialoga com achados de outros estudos recentes (Rossi *et al.*, 2019; Gasparini, 2022).

Algumas participantes desta pesquisa expressaram que a convivência mais intensa durante o período de isolamento foi conflituosa, outras, que preferiam permanecer nos seus quartos ou em outras atividades para evitar a convivência. Sinalizam, também, que conflitos dessa ordem já aconteciam antes da pandemia, porém houve uma intensificação no período de isolamento social, o que corrobora achados e discussões de estudos referentes a esse contexto (Gasparini, 2022; Palacio-Ortiz *et al.*, 2020).

A escola onde foi realizado este estudo está localizada em bairro periférico do município, sob contexto de vulnerabilidade social e baixo poder socioeconômico. Frente a isso, considera-se que a escola representa um espaço protetivo e de oferta de atividades essenciais e importantes à população infantojuvenil, no âmbito das aulas e atividades extracurriculares, destacando novamente as dificuldades implicadas quando houve o seu fechamento em momento agudo da pandemia (Vazquez *et al.*, 2022).

O fechamento das escolas e a oferta de atividades à distância/virtuais alteraram a relação dos alunos com esse espaço e, conseqüentemente, seu cotidiano. Quando terminado o período de distanciamento social, em momento mais recente da pandemia, a partir da vacinação da população, entre diversas alterações, o contexto escolar precisou se estruturar e readaptar para retornar às atividades escolares,

o que ocorreu no Brasil de forma gradual, seguindo os indicadores epidemiológicos de cada região, no ano de 2021 (Fiocruz, 2020; Gasparini, 2022).

A escola é um espaço que pode ser vivenciado de múltiplas formas pelos alunos. No âmbito da saúde mental, pode atuar como promotora/facilitadora desse cuidado, o que ainda não é tão explorado, conforme evidenciado por estudos da área, ou como um local de risco, devido a fatores como o *bullying*, relações conflituosas, muitas tarefas e cobranças, entre outros (Binotto, Goulart, Pureza, 2021; Gasparini, 2022).

As participantes desta pesquisa apresentaram disparidades em suas relações com a escola. Para algumas foi motivo de saudade e o desejo de retornar durante a pandemia era intenso, enquanto uma das participantes culpabiliza a escola por ter iniciado problemas de saúde mental e sua necessidade de iniciar acompanhamento psiquiátrico.

Ainda no que diz respeito à saúde mental e sua relação com o contexto escolar, estudos apontam para a importância e a necessidade de serem desenvolvidas intervenções nesse espaço com os objetivos de promover, conscientizar, oferecer suporte e acolher os alunos. A escola é um espaço potente para atuar nesse aspecto, visando a promoção da saúde mental e possíveis impactos sociais aos sujeitos, desenvolvendo parcerias e compondo a rede intersetorial de cuidado às infâncias e adolescências (Binotto, Goulart, Pureza, 2021; Gasparini, 2022).

Outro ponto que foi abordado pelas participantes deste estudo ao discorrerem sobre a saúde mental no contexto da pandemia se refere às redes sociais virtuais, celulares e videogames, utilizados para *stalkear* colegas vendo fotos das redes sociais, jogos e escutar músicas, o que muitas vezes preferem realizar do que estar com terceiros.

Em estudo de revisão sistemática da literatura realizado por Bienzobás (2021), visando analisar publicações nacionais e internacionais que relacionam a saúde mental da população adolescente e a utilização da internet, a autora alerta que

[...] seu uso também pode acarretar malefícios, como o acesso a conteúdo inapropriado, assédio, violação da privacidade, comportamentos narcisistas, sentimentos de solidão, sofrimento psíquico e até mesmo distorções da realidade. Quando os usuários começam a usar tais ferramentas com uma frequência maior, a fim de encontrar alívio emocional com o ato, a dependência é uma possibilidade, o que pode limitar as interações e atividades off-line (BIENZOBÁS, 2021, p. 28).

Tais achados apontam para potencialidades de criação de ações para promover a saúde mental no ambiente virtual, tema que tem conquistado mais atenção e evidenciado a carência de mais estudos (Bienzobás, 2021).

Nos encontros com as adolescentes participantes deste estudo, outro aspecto apontado por elas como favorecedor à sua saúde mental, diz respeito às atividades identificadas como significativas nesse período: escutar músicas, assistir animes, filmes, séries, jogar videogame, desenhar, tocar ukulele e ler livros.

Em documento oficial da *American Occupational Therapy Association* (AOTA) (2015), lazer caracteriza-se como: "Atividade não obrigatória que é intrinsecamente motivada e realizada durante o tempo livre,

ou seja, o tempo não comprometido com ocupações obrigatórias, tais como trabalho, autocuidado ou sono” (Parham; Fazio, 1997, p. 250; Aota, 2015, p. 22).

Considerando que o processo de atenção psicossocial a crianças e adolescentes é, por fundamento, intersetorial, sinaliza-se para a importância de políticas públicas territoriais que viabilizem o acesso de adolescentes ao lazer, ao esporte e às atividades artístico-culturais, ou seja, à possibilidade de circulação por espaços de criação e produção de participação e, portanto, de saúde mental (Brasil, 2014; Taño *et al.*, 2021).

Ainda sobre as atividades, mas agora focalizando nas desenvolvidas no processo da pesquisa, destaca-se que, no quarto encontro com as participantes, da construção da linha do tempo, apresentaram um comportamento ativo, com posturas mais comunicativas e envolvidas com a atividade.

Esse fato chamou a atenção pois, durante o fazer, as adolescentes demonstraram maior facilidade na comunicação de seus pensamentos e sentimentos referentes ao tema do presente estudo. São possíveis algumas reflexões pautadas nas produções e contribuições da Terapia Ocupacional sobre o fazer humano (Albuquerque, Cardinali, Bianchi, 2021).

Quarentei (1999, p. 197) considera que “As atividades, o fazer humano, são tomadas como territórios, potência e matéria de criação, expressão [...] de modos de existir, de novos começos e da própria fabricação de mundos”.

Nesse sentido, considera-se que o que foi produzido pelas participantes ao longo da pesquisa facilitou não só a expressão de suas ideias e interação com o grupo, mas também reflexões sobre si, seus arredores e relações, da fabricação de possibilidades de existir e produzir saúde mental no contexto escolar, demonstrando a potência da Terapia Ocupacional, suas ferramentas para além do processo de cuidado e na produção de um conhecimento mais democrático e participativo (Souza, 2022).

Verifica-se nos resultados do presente estudo, em diálogo com outros estudos do campo da Saúde Mental de adolescentes que se propuseram a produzir conhecimento com essa população, pistas e caminhos para a elaboração não só de estratégias de promoção de saúde mental e/ou de cuidado estratégico a essa população, mas também de reflexões capazes de contribuir com a revisão dos sistemas de organização adotados pela sociedade contemporânea, os quais têm sido apresentados às infâncias e adolescências que têm reagido, muitas vezes, por meio da expressão do sofrimento psíquico.

Acredita-se que, portanto, faz-se necessária a ampliação da escuta dessa população, de forma contextualizada e em todos os espaços pelos quais ela circula, incluindo o cenário da ciência e produção de conhecimento.

No último encontro com as participantes da presente pesquisa, elas referiram que gostariam de realizar atividades de promoção à saúde mental na escola. Sugeriram que tais atividades poderiam ocorrer em grupos pequenos, de no máximo 10 pessoas, e como espaço a sala que foi utilizada durante os encontros da pesquisa ou a quadra. Como exemplos de atividades promotoras da saúde mental que poderiam ser desenvolvidas, elencaram: assistir filmes, participar de jogos, realizar gincanas, fazer lanches coletivos, e, principalmente, espaços de fala e escuta.

Portanto, reforça-se que, com o intuito de fortalecer e viabilizar a existência de mais práticas voltadas às reais demandas e necessidades da população adolescente, devam ocorrer pesquisas, criação e oferta de espaços e estratégias a partir das quais adolescentes possam se expressar e ser respeitados, reconhecidos, ouvidos e acolhidos, e o contexto da escola parece ser potente para isso.

Conclusão

As participantes perceberam impactos e agravos em sua saúde mental no contexto de pandemia, com diferentes perspectivas relacionadas a aspectos desse momento, como o distanciamento social, interrupção das aulas, maior convivência com os familiares, alterações na socialização, uso de redes sociais e internet.

Elas também referiram a realização de atividades consideradas significativas durante esse período como forma de cuidado à sua saúde mental, sendo estas de diversas ordens.

O presente estudo apresenta limitações, como a quantidade reduzida de encontros, o que pode ter impactado no aprofundamento das questões trazidas. Ainda assim, as participantes apresentaram aceitação e engajamento à pesquisa, além de interação importante com as pesquisadoras.

Quanto ao percurso metodológico adotado, acredita-se que a proposta da pesquisa poder ser construída em processo, com as participantes, implementada também por meio do uso de atividades realizadas de forma coletiva em grupo, constituiu-se como uma estratégia potente de pesquisa com adolescentes, condizente com o tema e objetivos do estudo e dialogando com as proposições e ferramentas da Terapia Ocupacional enquanto campo de prática e produção de conhecimento. Outros estudos são necessários para o avanço da sustentação teórico-prática e consequente aprimoramento do processo de sistematização de tais possibilidades metodológicas neste campo.

O tema da saúde mental no contexto da pandemia da Covid-19 apresentou-se de forma latente nas reflexões e vivências produzidas pelas adolescentes na presente pesquisa, o que indica a potencialidade e necessidade de serem ofertados mais espaços de escuta, reflexão e ressignificação das experiências, por meio de práticas coletivas e participativas, que vão além da comunicação verbal.

Referências

Albuquerque, G. M. P.; Cardinali, I.; Bianchi, P. C. (2021) Terapia ocupacional e a expressão "produção de vida": o que dizem as produções brasileiras? *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 29, e2133. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2133>.

American Occupational Therapy Association – AOTA (2015). *Estrutura da prática da Terapia Ocupacional: domínio & processo*. 3. ed. traduzida. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26iespp1-49>

Bienzobás, S. M. Adolescência, internet e saúde mental: uma revisão de escopo. (2021) [Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de São Carlos].

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14411>

Binotto, B. T., Goulart, C. M. T., & Pureza, J. da R. (2021). PANDEMIA DA COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. *Psicologia E Saúde Em Debate*, 7(2), 195–213.

<https://doi.org/10.22289/2446-922X.V7N2A13>

Brasil. Ministério da Saúde. (2010) Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília, DF.

Brasil. (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. (2014) Departamento de Atenção Especializada e Temática. Atenção psicossocial a crianças e adolescentes no SUS: tecendo redes para garantir direitos. Brasília, 2014.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. (2005) Caminhos para uma política de saúde mental infanto-juvenil. Brasília: Editora do Ministério da Saúde. 76 p. – (Série B. Textos Básicos em Saúde).

Cid, M. F. B.; Fernandes, A. D. S. A.; Morato, G. G.; Minatel, M. M. (2020) Atención Psicosocial y Pandemia de COVID-19: Reflexiones sobre la Atención a Infancia y Adolescencia que Vive en Contextos Socialmente Vulnerables. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, 10(2), 178–201. doi:10.4471/remie.2020.5887.

Cortés, A. I. R. (2017). Desenhos, vinhetas e diagramas: ouvindo as narrativas das crianças através da elucidação gráfica. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(8), 312–326. Recuperado de <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/86>

Coutinho, L. G. (2009). Adolescência, cultura contemporânea e educação. *Estilos Da Clinica*, 14(27), 134-149. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v14i27p134-149>

Diniz, D. (2013) Carta de uma orientadora o primeiro projeto de pesquisa. / Débora Diniz. *Letras Livres*

Fernandes, A. D. S. A.; Taño, B. L.; Matsukura, T. S. (2021) O cuidado em saúde mental infantojuvenil na atenção básica à saúde: singularidades territoriais. In Fernandes, A. D. S. A.; Taño, B. L.; Cid, M. F. B.; Matsukura, T. S (orgs.). *Saúde mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial* (pp. 204–221). Manole

Fiocruz. (2020) Contribuições para o retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia Covid-19. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz

https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43379/2/contribuicoes_para_o_retorno_escolar_-_08.09_4_1.pdf

Fonseca, F. F.; Sena, R. K. R.; Santos, R. L. A.; Dias, O. V.; Costa, S. M. (2013) As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. *Rev Paul Pediatr*, 31(2), 258-64. <https://doi.org/10.1590/S0103-05822013000200019>

Fukuda, C. C., Garcia, K. A., & do Amparo, D. M. (2012). Concepções de saúde mental a partir da análise do desenho de adolescentes [Mental health conceptions out the youth's drawing analysis]. *Estudos de Psicologia*, 17(2), 207-214. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000200003>

Gasparini, D. A. (2022) Saúde Mental e sofrimento psíquico na perspectiva de adolescentes. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos] <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15872>

Martins, H. H. T. de S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação E Pesquisa*, 30(2), 289-300. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022004000200007>

Moreira, M. C. N.; Dias, F. S.; Mello, A. G.; York, S. W. (2022) Gramáticas do capacitismo: diálogos nas dobras entre deficiência, gênero, infância e adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(10), 3949-3958. <https://doi.org/10.1590/1413-812320222710.07402022>

Organização Mundial da Saúde. (2023). Saúde do adolescente. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health/#tab=tab_1

Organização Pan-Americana de Saúde. Saúde mental dos adolescentes. <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>.

Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F. H. P. (2020). "Pandemic Fear" and COVID-19: Mental Health Burden and Strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42, 232-235. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>

Palacio-Ortiz, J. D; Londoño-Herrera, J. P; Nanclares-Márquez, A; Robledo-Rengifo, P; Quintero-Cadavid, C. P. (2020) Psychiatric disorders in children and adolescents during the COVID-19 pandemic. *Rev Colomb Psiquiatr (Engl Ed)* 49(4):279-288. <https://doi.org/10.1016/j.rcp.2020.05.006>.

Pan, L; Wang, J; Wang, X; Ji, J.S; Ye, D; Shen, J; Li, L; Liu, H; Zhang, L; Shi, X; Wang, L. (2022) Prevention and control of coronavirus disease 2019 (COVID-19) in public places. *Environ Pollut*. 1(292). <https://doi.org/10.1016/j.envpol.2021.118273>.

Pereira, V. R.; Coimbra, V. C. C.; Cardoso, C. S.; Oliveira, N. A.; Vieira, A. C. G.; Nobre, M. O.; Nino, M. E. L. (2016) Metodologias participativas em pesquisa com crianças: abordagens criativas e

inovadoras. Rev Gaúcha Enferm. 37(esp). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.esp.67908>

Quarentei, M. S. (1999) Criando lugar(es) para acolher a falta de lugar. Interface - Comunic, Saúde, Educ 3(5) <https://doi.org/10.1590/S1414-32831999000200029>

Racine, N; McArthur, B. A; Cooke, J. E; Eirich, R; Zhu, J; Madigan, S. (2021) Global Prevalence of Depressive and Anxiety Symptoms in Children and Adolescents During COVID-19: A Meta-analysis. JAMA Pediatr. 175(11), 1142-1150. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2021.2482>.

Rossi, L. M.; Marcolino, T. Q.; Speranza, M.; Cid, M. F. B. (2019) Crise e Saúde Mental: a história sob a ótica de quem vive. *Cad. Saúde Pública*, 35(3). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00125018>

São Paulo. Governo do Estado. Vacinômetro. <https://www.vacinaja.sp.gov.br/>.

Silva, J. F., Cid, M. F. B., & Matsukura, T. S. (2018). Atenção psicossocial de adolescentes: a percepção de profissionais de um CAPSij/ Psychosocial teenage attention: the perception of CAPSij professionals. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 26(2), 329–343. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1081>

Souza, T. T. (2022) *Arte, cultura e saúde mental: histórias de adolescentes vinculados a projetos artístico-culturais*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos]. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/17081>

Taño, B. L.; Matsukura, T. S.; Minatel, M. M. (2021) Atenção psicossocial e intersetorialidade: entre o lugar do saber e o saber do lugar. In Fernandes, A. D. S. A.; Taño, B. L.; Cid, M. F. B.; Matsukura, T. S. (org.). *Saúde Mental de crianças e adolescentes e atenção psicossocial*. (pp. 2-20). Manole

Vazquez, D. A., Caetano, S. C., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemi, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M. (2022). Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. *Saúde Em Debate*, 46 (133 Apr-Jun), 304–317. <https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/6186>

Contribuição das autoras: M.A.M.C: Elaboração, coleta de dados, formatação, análise dos dados, revisão do texto. C.P.S.C.: Coleta dos dados, análise dos dados, revisão do texto. M.F.B.C.: Orientação do trabalho, análise dos dados, revisão do texto.

Fonte de financiamento: Apoio FAPESP.

Recebido em: 28/04/2023

Aceito em: 14/03/2024

Publicado em: 31/07/2024

Editor(a): Ana Carollyne Dantas de Lima